

## **A INVASÃO DO SMARTPHONE NA SALA DE AULA – SOBRE A AUTORIDADE DO PROFESSOR, VIOLÊNCIA, O PRIVADO E O PÚBLICO NO ENSINO.**

### **THE SMARTPHONE INVASION IN THE CLASSROOM – ABOUT TEACHER AUTHORITY, VIOLENCE, THE PRIVATE AND THE PUBLIC IN TEACHING.**

Andreas Gruschka<sup>1</sup>  
Antônio Álvaro Soares Zuin<sup>2</sup>

**Resumo:** Na sociedade atual, recrudescem, cada vez mais, as postagens de vídeos de alunos contra professores postados no YouTube. Gravados secretamente, tais vídeos registram imagens de professores em situações humilhantes e vexatórias, muitas das quais associadas à recusa do professor e da professora de permitir a presença de smartphones nas salas de aula. Diante desse contexto, têm-se, como objetivo nesse artigo, refletir sobre o declínio da autoridade do professor diante do uso massivo de smartphones por parte dos alunos. Sendo assim, foram analisados dois vídeos de grande repercussão mundial, cujas imagens foram registradas em escolas do Brasil e Portugal. Após a análise da relação entre as imagens e falas dos professores e alunos, conclui-se que, no primeiro vídeo, o professor assume o papel de herói de uma batalha que, para muitos estudantes, já estava perdida: ele age como uma espécie de exterminador que vence a disputa com o celular por meio de uma reação absolutamente enérgica. Já no segundo vídeo, há uma espécie de falência da educação. Concomitantemente à recusa da devolução do smartphone ocorre a violação do tabu em relação à docente, uma vez que a destruição de sua autoridade se faz presente diante das agressões físicas e psicológicas que lhe são imputadas pela aluna.

**Palavras-chave:** Autoridade, YouTube, Teoria Crítica, Smartphone

**Abstract:** Nowadays, there are more and more postings of videos of students ‘videos against teachers on YouTube. Recorded secretly, such videos record images of teachers in humiliating and vexatious situations, many of which are associated with teacher’s refusal to allow the presence of smartphones in classrooms. In this context, the aim of this article is to reflect on the decline of teacher authority in the face of the massive use of smartphones by students. Thus, we have analysed two videos of great worldwide repercussion, whose images were recorded in schools in Brazil and Portugal. After analysing the relationship between the images and speeches of teachers and students, it is concluded that, in the first video, the teacher assumes the role of hero in a battle that, for many students, was already lost: he acts as a kind of exterminator who wins the dispute with the cell phone through an absolutely energetic reaction. Already in the second video, there is a kind of bankruptcy of education.

---

<sup>1</sup> Doutor e livre-docente (habilitiert) pela Wilhelms-Universität, Westfalia, e professor titular do Instituto de Educação da Universidade Johann Wolfgang Goethe, Frankfurt, Alemanha. J. W. Goethe Universität - Frankfurt am Main. Email: A.Gruschka@em.unifrankfurt.de

<sup>2</sup> Professor Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) -Campus São Carlos/SP. Email: dazu@ufscar.br

When the teacher female refuses to return the student's smartphone, there is a violation of the taboo in relation to the teacher, since the destruction of her authority is present in the face of the physical and psychological aggression attributed to her by the student.

**Key-words:** Authority, YouTube, Critical Theory, Smartphone

## **Introdução**

O objetivo deste artigo se refere à análise de dois vídeos que foram secretamente gravados durante as aulas por alunos do Brasil e de Portugal, os quais foram postados no YouTube. Ambos os vídeos tiveram grande repercussão no Brasil e em Portugal, de modo que se tornam exemplos potenciais de conflitos relacionados à presença de aparelhos celulares nas salas de aula. Estes vídeos exibem surtos de violência de professores contra alunas, mais especificamente contra seus smartphones. No primeiro vídeo, o professor retira violentamente este aparelho de uma aluna e o arremessa com toda a sua força em direção ao chão, espatifando-o. No segundo vídeo, exibe-se uma espécie de luta de boxe de uma aluna contra sua professora. Um pouco antes da luta a professora havia retirado o smartphone da aluna. Logo em seguida, a aluna tenta recuperar violentamente o aparelho das mãos da professora.

Nossas perguntas são as seguintes: De que modo o smartphone se tornou o ponto de partida de tal violência, e quais dinâmicas e consequências decorrem dos dois casos? Antes de nos atermos às dinâmicas e consequências dos vídeos, as possíveis razões concernentes à violência documentada são as seguintes: 1) A história da violência na escola e na sala de aula; 2) A problemática do declínio da autoridade do professor também como consequência da utilização dos meios digitais e 3) A difusão da diferença entre as pretensões privadas dos alunos e sua subordinação burocrática à educação pública.

A violência que se manifesta nos vídeos amalha um novo caráter diante da luta pelo objeto “smartphone”. No primeiro vídeo, o professor explode e manifesta sua fúria de destruição. Dificilmente encontra-se um ato de destruição de uma propriedade de um aluno comparável a este, tanto na antiga, quanto na escola “civilizada”. Já no segundo vídeo uma aluna ataca, de forma humilhante, sua professora. Na verdade, ela ataca a professora tanto física quanto psicologicamente, na ânsia de ter seu celular novamente em mãos. A aluna ataca a professora até finalmente derrotá-la. Também neste caso dificilmente poder-se-ia observar algo equivalente na escola. Além disso, a professora é tratada pela aluna como se não tivesse nenhum direito de usar medidas disciplinares, quando se trata do celular. Também essa forma

de intromissão deve ser considerada nova. No primeiro vídeo, o professor tenta recuperar sua autoridade através da destruição do smartphone da aluna. Será que isso de fato ocorre? Em ambos os vídeos, observa-se que o smartphone não apenas torna turvos para a escola os limites essenciais entre o interior e o exterior, entre o pessoal e o privado, bem como a obediência diante dos deveres escolares. Pois, na verdade, se engendra um por assim dizer “cenário de guerra”.

O *modus operandi* da violência física que predominou durante muito tempo nas salas de aula da Alemanha e de outros lugares se fundamentou, sobretudo, na violência cometida pelo professor em relação ao aluno. A frase alemã: “Batidas leves aplicadas atrás da cabeça estimulam a capacidade de pensar” foi muito empregada como regra quando os alunos não desejavam focar a atenção nas aulas. Aplicar uma bofetada na face do aluno foi considerado como uma espécie de “direito territorial pedagógico” do professor alemão até os anos 1960 (GRUSCHKA, 2014).

No Brasil, a aplicação de punição física em crianças e adolescentes se tornou proibida em 1990. Já na Alemanha, a punição física aplicada em crianças foi proibida bem posteriormente, em 1999. Estima-se que a proibição das palmadas aplicadas em alunos nos ambientes escolares seja proibida somente em 10% dos países de nosso planeta. Alguns professores foram inventivos nas formas de intimidação física em relação aos alunos. Por exemplo, quando o professor alemão chacoalhava seu molho de chaves, os alunos imediatamente suspeitavam de que ele o arremessaria em seguida, como se fosse um míssil. Nos documentos antigos alemães, tal como no caso dos diários dos professores do século 19, pode-se ler com que frequência e variabilidade foi utilizada a vara ou a mão do professor para punir os alunos. Mesmo em tempos posteriores, uma criança de comportamento indisciplinado e frequentadora de uma escola Waldorf, tinha a expectativa de ser colocada no canto posterior da sala usando um chapéu com grandes orelhas, como se fosse um asno, caso se comportasse de forma considerada inadequada.

O revide correspondente se manifesta nas brincadeiras maldosas feitas contra o professor, tais como serrar a cadeira do professor, colocar preservativos usados nos assentos dos docentes, ou nas provocações com materiais pornográficos cujas imagens são manipuladas inserindo-se a face do professor. Em relação às antigas escolas francesas do século 17, os *Collèges*, sabe-se que os estudantes, muito a contragosto, eram impedidos de entrar com suas armas no ambiente escolar. Isto foi-lhes exigido, pois estavam sempre em

prontidão para usar tais armas contra os colegas e os supervisores. Quem escreve este artigo pode não se lembrar das situações nas quais os estudantes teriam atacados seus professores. Mas nas escolas atuais isto é possível.

Juntamente com a proibição da punição física, por parte do professor, ocorre o desarmamento na escola. Os problemas disciplinares passam a ser trabalhados de outras formas, com o auxílio de técnicas discursivas e sociais. Não foram poucos os professores alemães que sofreram em relação a ter que tratar os alunos com problemas disciplinares por meio de tais técnicas. Mas, ao mesmo tempo, não queriam fazer com que imperasse o retorno do quarto de detenção Karzer<sup>3</sup> para onde os alunos eram outrora enviados. Sendo assim, foi instituído a “sala de treinamento visando o desenvolvimento do comportamento social”, onde os alunos eram enviados para refletir sobre seus atos. Também o desenvolvimento civilizatório, introduzido na escola e nas salas de aula, foi prejudicado tal como se pode observar nos relatos sobre os excessos de violência de alunos praticados contra o mobiliário, contra seus colegas e seus professores. O acirramento da violência pode ser observado não apenas nos massacres feitos em escolas dos Estados Unidos, como também no caso dos professores de escolas públicas brasileiras que relatam ser a escola o único espaço de não violência de um determinado distrito, mas que, subitamente, pode se tornar um local de violência explícita, onde não raramente ocorrem assassinatos contra colegas e professores<sup>4</sup>. Já os filhos dos mais abastados são enviados para as escolas privadas que supostamente tratam civilizadamente seus conflitos. Mas estes casos excepcionais de não violência não serão considerados neste artigo. Ao invés disso, será investigado o modo como o surgimento arrebatador do smartphone na sala de aula – e em muitas outras esferas sociais – pode fazer com que exploda a civilidade dominante dos costumes numa velocidade e com uma potência inauditas. Nestes tempos mais recentes, instaura-se, como consequência deste surgimento, um novo cenário e um novo meio de exteriorização de agressões e violências em relação às pessoas. Trata-se da publicização de gravações feitas em salas de aula no ambiente da Internet.

---

<sup>3</sup> Surgidos no início do século 19 nas escolas alemãs e utilizados até o início do século 20, os Karzer foram quartos de detenção para onde eram enviados os alunos punidos por terem praticado algum ato de indisciplina. A jurisdição destes atos ficava a cargo dos professores e da direção da escola alemã.

<sup>4</sup> Em março de 2019, dois ex-alunos da escola Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, mataram 8 pessoas entre alunos e funcionários desta escola. Logo em seguida, se suicidaram.

## II

Houve uma excitação geral intensa quando os primeiros vídeos com imagens dos professores foram postados na Internet. Eles exibiam imagens de professores sobrecarregados, indispostos e ridículos. Em algumas situações, professoras eram filmadas em determinadas posições de modo a satisfazer um tipo de voyeurismo sexual. A observação dos professores, algo sempre feito no cotidiano escolar, desenvolveu-se na forma de uma acusação publicizada. O uso smartphone foi proibido pelo Estado em função do fato de ser uma espécie de filmadora secreta, sendo que isto ocorreu em escolas na Alemanha, no Brasil e na França.

Aliado a este fato, aconteceu algo que perturbou profundamente a autoconsciência do professor. Pois não foi só o fato da exposição que revoltou os professores. Pelo contrário, foi a exposição deste material que fez as ondas de indignação se tornarem enormes, uma vez que a publicação digital tem um alcance diferente. É digno de nota o quão intensa se tornou a percepção do professor indignado de que um cargo público não era mais tratado por trás da porta fechada da classe como assunto privado, mas sim publicitariamente escandalizado de maneira especificamente digital. Sempre se falou sobre as más condutas de professores e dos alunos dentro e fora da escola, de modo que, historicamente, o professor caracterizou-se como alvo das interdições psíquicas (tabus) feitas por alunos (ADORNO, 2000). Mas somente em casos excepcionais as notícias sobre este assunto, as quais provinham do círculo interno da comunidade escolar, chegavam ao público. Para que o público pudesse ouvi-las através da imprensa, teriam que ocorrer fatos absolutamente escandalosos, tais como tráfico de drogas no pátio da escola ou abuso sexual de estudantes. Embora o fracasso dos professores não fosse um segredo, a vida interior da escola era respeitada como digna de proteção (GRUSCHKA, 2015).

Contudo, se antigamente os alunos se divertiam por meio da realização de anedotas e desenhos caricaturais de seus professores, atualmente surge o smartphone como meio facilmente manipulável para se produzir "documentos" sobre o fracasso observado de seus professores elaborarem uma boa aula, de modo que estes "documentos" assumem o caráter de prova, haja vista o fato de que os alunos foram capazes de capturar a realidade aparentemente não filtrada. E por que não se deveria permitir, por meio das postagens na Internet, não somente a participação da própria comunidade escolar, como também de todos, em relação a algo tão engraçado, e até mesmo indigno, que foi vivenciado na sala de aula?

A tentação de proceder desta forma é tão grande que os alunos não deixaram de publicar os vídeos em nome da vergonha, do respeito ou da compaixão. Aparentemente, eles sentiram o poder enorme que é oriundo do ato da postagem, ou seja, o poder de exporem publicamente a acusação e a denúncia. Se, atualmente, tudo pode ser postado na Internet e nas redes sociais, incluindo o próprio exibicionismo e as violências do *bullying*, por que não se deveria postar também os comportamentos embaraçosos do professor? Ora, é dessa forma que a infecção “viral” se inicia na Internet. Postagens com conteúdos como estes se elevam à categoria de *hits* dos *downloads* e visualizações. Não é surpresa o fato de que a presença dos smartphones é considerada, por muitos professores, como uma ameaça na forma de uma câmera escondida.

Ao mesmo tempo, ocorre um outro tipo de vigilância pública do trabalho do professor em sala de aula. Esta vigilância não se realiza exclusivamente por meio de tais filmagens, mas sim nas formas de inspeções escolares, das discussões dos resultados do PISA, das avaliações referentes às comparações de trabalhos docentes e muito mais. Também em tais situações alguns professores se sentem cerceados pelo controle de suas ações de modo que, por meios dos dados coletados, eles se sentiram expostos. De fato, nota-se o recrudescimento de tendências autoritárias na sociedade como um todo (GRUSCHKA, 2019). Na esfera da educação alemã, esse *ethos* autoritário se manifesta também da seguinte forma: os resultados ruins derivados do PISA, os quais, como se sabe, resultam das avaliações das competências dos alunos, não foram, como ocorria antigamente, atribuídos aos próprios alunos, mas sim às deficiências dos professores. O inspetor escolar, que outrora subitamente aparecia na aula, para logo em seguida se retirar, costumava avaliar a qualidade didática do ensino. E se tal ensino não demonstrasse certas características afeitas ao gosto do inspetor, então era proclamado como ruim, sem que fosse considerada sua qualidade real. Desta forma, a "autoridade oficial" do professor foi também prejudicada. É fácil imaginar como essa observação "hostil" abala a mente de um professor, que busca uma compensação para a humilhação experimentada, ao mesmo tempo em que recrudescer o desejo de reagir a esta situação. Se sua raiva reprimida não puder mais ser direcionada contra os alunos, então uma imagem inimiga, no caso a do smartphone, pode ajudá-lo. Por meio do (mal) uso que os alunos fazem de tal aparelho, ele como que se transforma num tipo encenqueiro, delator e especialista que tudo pode e sabe.

### III

Para alguns professores, o advento da mídia digital é uma nova oportunidade promissora para, concomitantemente, facilitar e melhorar o negócio do ensino. Isso inclui o uso de smartphones e *tablets* para a realização de pesquisa na Internet, a compactação e comunicação individualizada dos conteúdos, além da produção de processos e do progresso da aprendizagem. Sendo assim, erige-se uma fantasia *cybersmart* de uma escola gerida pelas observações obtidas e avaliadas digitalmente por meio das plataformas e programas de aprendizagem controlados por computador. Se a Internet atua como uma fonte de conhecimento, e a plataforma é utilizada como um meio de orientação para todos os processos de ensino, então o professor como que se alivia de suas genuínas funções didáticas e educacionais, na medida em que, na condição de moderador, ele segue as orientações dos programas de computador. Os problemas que possam surgir são reencaminhados e resolvidos por tais programas. Deste modo, o professor deixa de ser pessoalmente responsável pelo ensino e se torna um mediador dependente da tecnologia. A perda pessoal de independência profissional deve ser compensada pelo aumento da eficiência, de um “treinamento para o teste”, que fornece as ferramentas utilizadas. Diante deste fato, não há como negar as consequências em relação ao modo como os alunos consideram a autoridade do professor como tal. Se outrora o professor foi considerado como aquele que detinha a chave para o conhecimento do mundo, ao menos em relação a uma parte deste conhecimento, de modo a ser identificado como um alguém importante para o desenvolvimento da formação (ADORNO, 1971), hoje ele é apenas um mediador da escola digitalizada. Na condição de usuário técnico superior talvez ele até pudesse adquirir autoridade sobre os alunos, mas ela lhe é apenas, por assim dizer, emprestada. Em geral, o aparelho poderoso só reconhece o professor como serviçal e entregador de dados. O professor não é mais considerado como alguém que auxilia o aluno em relação à produção do conhecimento. Ele não mais se responsabiliza pela criação das tarefas, as quais são elaboradas por um calculador anônimo, o mesmo calculador que se apresenta como mestre da didática.

A nova tarefa do professor é a de promover o foco dos alunos nos programas computacionais utilizados. Evidentemente, isto ainda está por vir em toda sua plenitude e, por isso, ainda não é uma das mais conhecidas promessas das reformas hipertrofiadas. Por exemplo, o novo presidente brasileiro deseja mudar e melhorar radicalmente o sistema de

ensino por meio da redução massiva dos tempos escolar e de ensino. Desta maneira, os alunos deverão resolver a maior parte das tarefas escolares por meio sistema *home-office*, as mesmas tarefas que são gerenciadas por uma espécie de centro de cálculos de tarefas e personalizadas para cada aluno. Neste contexto, o papel do professor se restringe a apenas lidar com os restos indeterminados, na condição de administrador e de prestador de serviços de manutenção. Na medida em que o sistema de controle da escola digitalizada ainda não atingiu a perfeição, origina-se uma ruptura de limites inevitável e conflituosa. Uma vez realizada a utopia de uma escola totalmente digitalizada, ocorrerão outras rupturas. As contradições são, pragmaticamente, evidentes já no simples uso atual da Internet. Antigamente, o professor se esforçava para controlar os desdobramentos da aula por meio de suas habilidades e materiais didáticos, de forma a assegurar sua autoridade como professor e sua competência em relação ao assunto ensinado. Já hoje em dia tanto a autoridade quanto a competência mudam em decorrência do uso da Internet como uma espécie de banco de dados que flutuam livremente.

Na condição de base de dados, a Internet possibilita amplamente o contato com o conhecimento no formato da informação. Ela deve estar disponível o mais rápido possível, de forma clara e concisa, já na apresentação, de tal modo que possa se tornar o caminho mais curto para a resposta a uma pergunta concisa. A qualidade do conteúdo baixado não se apoia mais na exatidão assegurada por editores, cientistas e professores experientes. De fato, a Wikipédia sabe revisar, mas sua qualidade é muitas vezes duvidosa. Quem quiser pode oferecer sua própria perspectiva que se transforma em informação. A "pesquisa" na Internet por qualquer conteúdo, que é demandada pelo professor, geralmente não tem nada a ver com pesquisa. Difunde-se maciçamente o *modus operandi* na escola relacionado ao fato de que os estudantes devem trabalhar com os conteúdos das aulas, cujas informações foram obtidas por meio da Internet. Por exemplo, eles devem informar seus colegas sobre o assunto drogas. Sendo assim, recebem cinco perguntas factuais sobre este assunto: composto químico, origem, distribuição, risco à saúde e tratamento legal. Para que possam encontrar as informações, eles têm uma semana, de modo que, logo após este tempo, deverão informar os dados aos colegas numa apresentação de cinco minutos.

Este trabalho pode ser feito sem as dificuldades de pesquisa encontradas na biblioteca tradicional de produção de conhecimento, sem aquele flandar distraído, sem aquele torna-se fascinado por algo arrebatador e sem ter que lidar com as dificuldades encontradas no transcorrer da realização da tarefa. Isso tudo é compreensível, mas raramente depara-se com o

uso intenso da riqueza da Internet como se fosse uma nova biblioteca. Pois, ao invés disso, o ensino não promove o conhecimento como tal, mas sim é funcionalmente focado na informação rápida, de modo que o papel do professor é compreendido como uma espécie de abridor de portas das matérias do saber. A Internet não apenas se tornou um vasto universo de informações, mas também pode ser independentemente usada por todos os alunos. Já a perícia do professor diminui até chegar ao ponto da irrelevância, na medida em que não mais proporciona entendimento, propósito e conteúdo do ensino. Em uma escola “orientada para a competência”, não se trata de conhecer algo, diante do qual o professor se torna um importante mediador da formação (*Bildung*), mas sim de fomentar a disposição sobre algo no sentido da informação e do informar, de tal maneira que ocorre uma espécie de revitalização da semiformação (ADORNO, 2010) na era da cultura digital.

#### IV

No passado, o caráter público da escola se referia ao fato de que, acima de tudo, era o Estado por ela responsável. Com a digitalização, um outro provedor de mídia não apenas de transforma em agente da escola, pois ocorre a metamorfose de algo que era publicamente controlado num negócio da iniciativa privada. Este processo começa com a ligação numa tecnologia de *hardware* e *software* que permanentemente se renova. Ele se inicia com o controle de conteúdo dos programas de aprendizagem diante do registro de todos os dados de comportamento, registro este que tende a se tornar totalitário. É interessante observar o modo como tais dados são supostamente relacionados à aprendizagem. Contudo, eles são utilizados externamente. A grande máquina não é somente um negócio poderoso, mas sim algo que não é mais controlável.

A esfera pública da escola era composta pela exclusão desejada da esfera privada. A aula faz de uma criança, em particular, um aluno que cumpre um determinado papel. Somente ao representar este papel é possível dirigir-lhe demandas, sendo esta uma atitude educacional. Tal ato é estritamente voltado para o comportamento de um aluno que se concentra nos conteúdos aprendidos no transcorrer do processo de ensino e aprendizagem. Se o comportamento do aluno contradiz esta atitude, o professor tem o direito e o dever de educar. Os problemas de disciplina geralmente resultam da falta de vontade dos alunos em realizar as demandas do professor. Neste contexto, compreendem-se as várias proibições referentes à

tentativa de reafirmar a dimensão privada na escola. Na sala de aula não se pode comer. É preciso prestar atenção e esperar sua vez para poder falar. Além disso, não se pode levar consigo os próprios brinquedos para a aula e assim por diante.

Mas agora que os alunos possuem um *smartphone*, surge um possível conflito, na medida em que eles continuam a permanecer na esfera privada na sala de aula. Eles estão conectados “online” através do *smartphone*, ou seja, com o mundo exterior em todas as variantes, ao mesmo tempo em que devem se encarregar das lições “off-line”, ou então deveriam estar “on-line” apenas em relação aos conteúdos das aulas. Mas, ao invés disso, eles utilizam seus *smartphones* para seu próprio entretenimento diante da chatice da aula. Uma vez que esse modo de ser *online* se torna definidor do que significa a vida, os alunos têm cada vez mais dificuldade de ficar *off-line* durante o horário de aula, de tal modo que disto resulta uma variedade de conflitos. O conflito fundamental consiste em ter que aceitar o que já ocorria antes da Internet: no momento do ensino, toda a atenção deve ser para ele dirigida. Estar *off-line* ou *online* torna-se uma decisão sobre a esfera pública do ensino; a difusão do *smartphone* deveria ser feita em nome de um interesse e de um bem maior. Mas, a disponibilidade de acesso a todas as informações é acompanhada da manutenção dos contatos privados durante uma aula. Frente a este fato, muitas escolas começaram a apreender os *smartphones* dos alunos antes da aula, enquanto outras escolas tentam minar os distúrbios relativos ao *smartphone* por meio de seu uso restrito às atividades de ensino. Haveria uma chance de se obter sucesso se o ensino fosse tão excitante e proveitoso para aluno, de modo que ele não seria tentado a escapar da aula se dirigindo à esfera privada<sup>5</sup>.

Todavia, o que ocorre realisticamente é algo parecido com a situação da antiga fuga das atividades de ensino, agora revitalizada por meio do uso do *smartphone*. Esta fuga dever ter sido significativamente recrudescida, uma vez que, por meio da utilização da tela pequena, pode-se obter, discreta e incomparavelmente, mais oportunidades de fuga do que as antigas possibilidades de dispersão da atenção que ocorriam na sala de aula. Aquele estudante que sonhava ou pintava durante a aula, atualmente troca uma mensagem por WhatsApp com sua namorada ou joga videogame em seu *smartphone*. Essa mudança tem a vantagem, por assim dizer, do professor poder relacionar e focar as diferentes formas de distração a um objeto compartilhado por todos os alunos: o *smartphone* é, portanto, considerado o portal para o

---

<sup>5</sup> Uma tal ligação com o ensino poderia ser também obtida por meio da renúncia total ao uso do celular, mediante uma boa aula do professor.

exterior que deve ser bloqueado. Este aparelho se transforma no agressor simbólico que perturba a lição. Pode ser inclusive considerado o sedutor que incomparavelmente se torna o parceiro de comunicação muito mais atraente e demandada do que a figura do professor. À carga afetiva positiva referente ao aparelho, por parte dos alunos, corresponde a ocupação negativa do professor. A magia e força do smartphone provam a incapacidade do professor de se ligar aos alunos, de tal modo que o aparelho parece conter tudo o que professor não tem. O professor não tem controle sobre o potencial do smartphone, sendo que o aluno escapa de seu controle justamente pelo uso de tal aparelho. Ele é útil para os alunos e, aparentemente, não exige, mas sim oferta, pois promete ajudar quando o auxílio do professor não permite chegar a lugar nenhum.

Os dois casos, a seguir, fornecem uma ideia do potencial de agressão dos conflitos associados ao autoconhecimento de que o smartphone eclipsa o limite anteriormente descrito entre a escola pública e as preferências privadas dos alunos. Em ambos os vídeos foram feitas alterações digitalizadas nas faces das pessoas, com o intuito de não possibilitar quaisquer identificações.

## V

### **Video 1: O professor heroico**

O primeiro vídeo foi feito há cerca de oito anos durante uma aula de biologia em uma escola de ensino médio brasileira. Por mais de 10 anos, essas gravações foram postadas na Internet. O vídeo dura 1 minuto e 2 segundos. Até o final de 2018, foi visualizado 2.371.591 vezes no YouTube. É importante destacar que o vídeo desapareceu por um tempo, talvez em decorrência de alguma intervenção do professor, cujas imagens foram gravadas. Mas, rapidamente, ele foi repostado por algum internauta. Uma das pessoas que o visualizou provavelmente não é brasileira, pois o vídeo foi repostado com um título em inglês e obteve mais de 500.000 visualizações com centenas de comentários de estudantes do mundo todo.

0.1



O video mostra a seguinte situação: o professor está no centro da sala, em frente à lousa, tentando explicar esquemas que se relacionam com o processo biológico de meiose e mitose. Ele se apresenta energeticamente diante de uma classe moderadamente interessada. Não está claro o motivo pelo qual o estudante decidiu registrar essa aula de biologia. Porém, tudo indica que as ações filmadas foram propositalmente planejadas por alguns alunos.

0.19. Após alguns segundos de aula, um smartphone toca na frente do professor na primeira fileira à esquerda. O smartphone se anuncia por meio de um toque bem audível no estilo *funk*. Um aluno filma o professor e mostra sua reação. Enquanto isso, o professor olha rapidamente para a aluna que tenta desligar o seu aparelho. Ouve-se então o professor dizer "Porra!". Diante da turma, o professor faz uso de uma linguagem vulgar-privada, rompe com seu papel como modelo e, assim, sinaliza o quanto incomoda aquilo que novamente tem que vivenciar em relação ao uso de alunos de aparelhos celulares. Sua relutância em aprender algo sobre o comportamento do aluno é indubitavelmente entendida como um aviso. Ele escolhe essa expressão grosseira ao invés de comentar explicitamente sobre o smartphone. Pois ele poderia ter dito: "Foi isso o que ouvi da última vez. Desligue o smartphone imediatamente! ". Ou se reportar à aluna de forma mais benigna: "Você sabe que o smartphone deve ser desligado durante a aula", ou: " Devo ajudar você a desligar o smartphone? "

0.24. Após um breve respiro, o professor continua a proferir sua aula sem se mostrar muito impressionado, ao mesmo tempo em que foca a atenção novamente nos alunos.

#### 0.41



Alguns segundos mais tarde, o mesmo aparelho toca novamente a música *funk*. Obviamente, a aluna não o desligou e não diminuiu o volume. Subitamente, a atenção dos alunos se desloca da aula de biologia para a possível reação do professor. Já o professor continua a proferir sua aula, ao mesmo tempo em que caminha lentamente em direção à aluna.

0.49. Ao se aproximar da aluna, ele diz para a turma: “Gente, ninguém pode permitir ou suportar uma situação desta”. Em seguida, retira o smartphone da mão da aluna e o arremessa com toda força ao chão da sala. Apesar da violência do gesto, ele o faz com a maior naturalidade.



0.53



0.54 “Quem não quer ouvir, deve sentir!”. Isto se refere, concomitantemente, tanto à proprietária do aparelho, quanto ao *corpus delicti*, ao delito em si, que interrompeu e perturbou as atividades de ensino por meio do repetido toque de música *funk*.

Esgota-se a paciência do professor, provavelmente porque ele não considera mais a possibilidade de um processo educativo não conflituoso. Ao invés disso, o agressor deve ser silenciado pela destruição. Uma espécie de exorcismo ocorreu! (No centro da sala, pode-se ver uma cruz cristã pendurada na parede). Sem interrupção e comentários adicionais, o professor volta para a lousa e continua sua explicação sobre meiose e mitose.

1.00 No fundo da sala, um dos alunos é filmado pelo celular do aluno que registrou toda a cena. O aluno filmado diz: "Cara!", sendo este um comentário aparentemente compartilhado com gosto pelos colegas. Este comentário, provavelmente, não se refere a uma

crítica à agressão cometida contra o celular, nem uma mera surpresa sobre a explosão de raiva que acabara de acontecer. "Cara" concerne a uma expressão de admiração. Finalmente o professor se defendeu, de modo que ele deve ser associado a esta forte expressão! Além disso, no "Cara" pode-se ver uma reação de empatia diante das repetidas interrupções feitas pelo smartphone. Pôde-se desenvolver esta empatia para com o professor, uma vez que sua reação significa muito mais do que estar apenas irritado. Pois agora todos sabem como reagir diante de uma situação como essa protagonizada pelo professor. Ao mesmo tempo, ele tenta recuperar o controle, de modo a redirecionar a concentração da classe para o conteúdo da aula. É claro que a forte impressão causada por sua ação provavelmente implicará exatamente no oposto deste seu desejo, embora ele queira provar que está pronto para permanecer no controle do que está acontecendo na sala de aula.

Certamente, após o incidente, o professor terá dificuldade em explicar a perda do smartphone para a aluna. Provavelmente, ele terá que comprar outro aparelho, mas não poderá obter os dados que estavam no smartphone destruído. Deste modo, o conflito não é resolvido, mas sim adiado de forma factual. Contudo, para a turma de alunos, ele se parece mais com o herói de uma batalha que, para muitos estudantes, já estava perdida: ele age como uma espécie de exterminador que vence a disputa com o celular por meio de uma reação absolutamente enérgica.

## VI

### **Vídeo 2: O ringue da sala de aula como a falência da educação**

Este vídeo também foi feito em uma escola portuguesa de nível médio por meio de um smartphone. A turma era composta por cerca de 20 alunos e uma professora. O vídeo, cuja duração é muito maior que o anterior, (1 minuto 52 segundos), foi postado no YouTube em 2008 e já foi visualizado 485.083 vezes. Ao contrário do primeiro vídeo, as ações filmadas não foram propositalmente planejadas, de tal maneira que os eventos espetaculares correspondem a uma espécie de "coincidência" que foi registrada pelo smartphone de um dos alunos. A gravação foi focada no conflito que se desenvolveu em relação à posse do smartphone de uma aluna.

0.01



N

os  
fun  
dos  
da  
sal  
a,  
há  
um  
a  
dis  
cus

são entre uma professora e uma aluna sobre a ação da professora que retirou da mão da aluna seu smartphone. Já a aluna reage violentamente diante desta ação da professora, ação esta que, tal como dito anteriormente, foi registrada pelo smartphone do aluno que filmou todas as imagens deste vídeo. Desconhece-se, portanto, o motivo da ação da professora. Talvez a aluna tenha violado a regra de não usar o smartphone na aula. Ou será que o toque do aparelho dela perturbou a concentração de todos, tal como ocorreu no vídeo anterior?

0.05 O confronto se intensifica cada vez mais, pois a aluna enfrenta a professora. Ela tenta pegar o smartphone que a professora segura atrás das costas. A professora exige que a aluna retorne ao seu lugar, sinalizando onde ela deve ser sentar para que o problema possa ser discutido. A professora ainda age calmamente frente a uma aluna cada vez mais nervosa e que exige que o smartphone lhe seja imediatamente devolvido.

0.13 O apaziguamento, no entanto, não tem efeito, muito pelo contrário: a aluna entra em luta corporal com a professora. É surpreendente o fato de que ela tente, por ser fisicamente mais forte, se mostrar superior à professora através de uma ação agressiva até certo ponto controlada. Pois se ela enfrentasse a professora do mesmo modo que enfrentaria uma colega de classe, a luta seria rapidamente resolvida. Obviamente, ela resiste em aplicar toda sua força em relação à docente. Mas isso não significa que ela respeite o papel da professora, pois a

humilhação não cessa de ocorrer. Ao invés disso, ela age como se estivesse inconscientemente inibida para conduzir a luta a um rápido final. Pois ela se sente insegura sobre o significado de entrar numa contenda física com uma professora. A mesmo tempo em que a luta corporal recrudesce, a professora continua a tentar fazer com que a aluna se acalme e que volte para o seu lugar. A aluna parece não lhe dar ouvidos e se torna cada vez mais furiosa. Parece que um tipo de limite foi rompido, de modo que não há mais possibilidade de se retornar a uma relação respeitosa entre ambas. As relações de poder foram esfaceladas. A professora cometeu uma ofensa que deve ser corrigida.

0.24 Ao invés de dialogar, a aluna se aferra cada vez mais ao conflito, de tal maneira que, cada mais fora de si, começa a gritar: “Devolva meu celular já!” A professora reage de forma absolutamente chocada, como se o grito da aluna fosse uma agressão incomparavelmente mais dolorida, diante da qual a docente estava completamente despreparada. Mas aluna também se surpreende diante da força com que verbalmente se defendeu. Subitamente, a aluna começa a rir da própria reação diante do rosto em choque da professora.



Trata-se de um riso derivado do assombro diante de um acontecimento inédito: a alegria de, por meio do uso de sua própria força, repelir a professora, a mesma professora que acreditou ter poder sobre a aluna por meio do confisco do smartphone. Além disso, o riso se refere à facilidade com que a aluna expôs a professora ao ridículo diante dos outros alunos. Faz-se presente o desejo sádico de punir e torturar o outro. Alguns dos alunos compartilham deste riso e, assim, se solidarizam com a aluna agressora. Ao se dirigir aos camaradas solidários, o olhar da aluna encontra a ressonância que confirma o aceite de sua atitude. Então ela se sente ainda mais no direito de continuar lutando com a professora.

0,24-0,36 O sofrimento continua. Por meio de novas tentativas, a aluna procura se apossar do smartphone que está nas costas da professora. A professora, por sua vez, está determinada a combater cada uma das tentativas da aluna que a ataca. Ela havia perdido a esperança de que a aluna se acalmasse e retornasse ao seu lugar. Então, o local da luta muda dentro da sala de aula, na medida em que a professora tenta retornar à sua mesa, como se estivesse chegando à sua área, uma zona de conforto protegida na sala de aula.



A aluna parece ter entendido o significado desta tentativa da professora de voltar à sua mesa, pois ela emprega ainda mais sua força física para conduzir a docente de volta ao meio da sala de aula. Ela a trata como uma prisioneira.

0.52 Depois de quase um minuto de luta, um colega de classe intervém e pede moderação à colega agressora.



Mas outro aluno repele essa interferência. Ao mesmo tempo, o aluno que filma a cena pede para um colega de classe se retirar, pois ele estava atrapalhando a filmagem. Ele então exclama: "Sai da frente, sai da frente!" Ele está tão empolgado com a possibilidade de registrar algo monstruoso que perde completamente o vínculo moral com o que realmente está acontecendo. Juntamente com os outros colegas, este aluno observa uma briga desigual, de modo que ele quer ver e filmar como a aluna agressora triunfará e a professora terá que lhe entregar o smartphone para deixar de ser humilhada. Ele sabe que está surgindo um vídeo que se tornará "viral" na Internet. Seu próprio sadismo voyeurista, portanto, junta-se à luta entre professora e aluna. O fato dele se impor em relação a seus colegas, uma vez que continua a filmar toda a cena, faz deles seus cúmplices.

0.58 A professora agora tenta escapar em direção à porta, mas é novamente agarrada, com sucesso, pela aluna.

1.18 Neste momento, vários alunos participam da luta, sendo que alguns tomam o partido da professora, e outros da aluna. Os partidários da aluna se tornam bem sucedidos nessa contenda. Eles querem que professora e aluna lutem até o fim sem interferência. Os próximos segundos mostram o poder decrescente da professora em relação à resistência e à força física cada vez maiores da aluna que continua tentando recuperar seu smartphone. O tempo disso tudo é representado por segundos excitantes em relação aos alunos e segundos atormentadamente vividos pela professora.



A aluna consegue arrancar o smartphone da mão da professora. Triunfante, ela se livra da docente. Por fim, a professora se livra da aluna e consegue sair da sala de aula.

### **Conclusão**

Ambos os vídeos mostram as lutas de professores contra a presença de smartphones na sala de aula. As regras que se aplicam aqui não são respeitadas pelos alunos. Eles não desligam o aparelho e o usam na sala de aula para fins não educacionais, uma vez que não querem se desconectar do mundo exterior. No primeiro caso, a aluna aceita a perturbação óbvia da música *funk* que está sendo tocada. O contato online é mais importante para os

alunos do que o que está sendo ensinado, de modo que o conflito previsível com o professor não os detém e o filmam por completo. No primeiro vídeo, o professor irritado reage por meio de um surto de violência. A ação é percebida como uma espécie de “tempestade esclarecedora” pela classe, pelo menos por um grupo numeroso de estudantes. Também para o professor isso significa uma libertação. A insistência constante na regra (estar *off-line* na sala de aula) não funciona mais quando a violação das regras não é mais percebida como tal, violação esta que é aprovada pelos alunos.

O smartphone pertence às pessoas como suas próprias roupas, de modo que elas não podem facilmente adiar o contato com estas máquinas. Não se tornou apenas uma parte acidental da identidade pessoal, mas está no seu centro. Impõem-se um novo lema: "Sem o meu smartphone, eu não posso mais viver!". No segundo vídeo, a tremenda energia demonstrada pela aluna para reaver seu smartphone provavelmente se origina dessa fonte. Seguindo esta linha de raciocínio, a aluna do primeiro vídeo deve ter ficado paralisada e em estado de choque em decorrência da destruição de seu smartphone feita pelo professor. De fato, a destruição deste aparelho teve consequências importantes na relação entre o professor e os alunos. Para que haja novamente um vínculo pedagógico entre eles, uma regra foi definida e deverá ser obedecida: nunca mais os alunos devem fazer isso, pois se forem desobedientes outros smartphones serão destruídos.

Assim, a agressão contra o smartphone significa o último recurso na luta pela atenção indivisa em sala de aula. Apenas na ausência do smartphone, considerado como agressor, poder-se-á continuar o ensino dos conteúdos. A destruição do smartphone deve, portanto, ser entendida como um ato desesperado de educação. Com o processamento desta incrível história, algo como uma reflexão sobre o propósito do ensino pode ser iniciado. A esperança permanece, pois o ato de destruição pode desencadear uma catarse entre os estudantes, de tal modo que faça com que se concentrem nos estudos dos conteúdos apresentados pelo professor (ZUIN, 2017). A compreensão implícita do aluno para com o professor, sendo este “O cara”, nutre, de certa forma, essa esperança.

A situação é completamente diferente no segundo vídeo. Na condição de educadora, a professora tem o direito de retirar o smartphone da aluna durante o horário da aula. Este direito não é apenas negado pela aluna, mas também diretamente confrontado por meio de uma luta. A aluna não apenas viola uma das regras sociais da escola, ou seja, a que se refere à necessidade que os conflitos sejam verbalmente resolvidos e, assim, proibidas as agressões

físicas. Pois ela rompe o equilíbrio de poder de maneira revolucionária, uma vez que se faz presente a violência contra a professora. Ela se torna a governante e declara a professora uma agressora que deve ser disciplinada. A professora cruzou sua própria linha vermelha com o confisco do smartphone da aluna. Agora só resta o respeito de manter a luta fisicamente controlada, uma vez que a aluna modera o uso de sua força física contra a docente. A luta pública que se trava no ringue da classe não implica numa rápida derrota da oponente docente, mas sim sua humilhação contínua e atormentadora.

A violência contra a desamparada professora concomitantemente chocou e divertiu os alunos da turma. A monstruosidade referente à violação das relações foi desfrutada como um evento espetacular. É o fascínio diante de uma execução aquilo que se apodera de muitos alunos. O aluno que filma tal evento, na condição de repórter sensacionalista, é apoiado pelos colegas. Os alunos que querem ajudar a professora são impedidos de fazê-lo. Todos estão esperando o final previsível, porque logo fica claro quem está no comando. Quando a professora chega à exaustão física e mental, ela cede e libera o smartphone para a aluna. Às vistas dos alunos, ela não apenas perdeu a luta, pois falhou como professora. O smartphone a definiu como fraca.

É difícil imaginar que a professora possa voltar a lecionar novamente com essa turma. Pois ela perdeu tudo o que precisava para poder ensinar e ser respeitada pelos alunos. Provavelmente, ela permanecerá traumatizada, por muito tempo, em decorrência desta experiência e, até mesmo, poderá pensar que algo semelhante poderá novamente acontecer. Pode-se imaginar até mesmo que ela não só não queira, como também não possa mais ser professora.

Essa destruição da autoridade pessoal da docente também será notada por alguns alunos, de modo que eles a justificarão ou lamentarão sua perda. Também para eles a luta significou o fim do antigo relacionamento com a escola e a educação. A violação do tabu, que a aluna cometeu na luta com a professora, continuará a se aferrar a eles na condição da monstruosidade pela qual são responsáveis. É difícil imaginar que a aula possa voltar, em breve, a ser o que era antes do acontecido, à sua antiga rotina. E o que acontecerá com a aluna que cometeu o delito? Ela poderá continuar sendo aluna?

Difícilmente, a falência da educação, na catástrofe aqui mostrada, poderá se transformar num reinício positivo. Provavelmente, prevalecerão as atitudes de resistência da instituição, nas formas de punição e de luta contra os estudantes, os quais poderão, a partir

deste momento, ser tratados como potenciais infratores violentos. Isto representa outra ruína da educação, a saber, o retorno a uma modalidade de escolarização que se afirma contra os estudantes por meio do emprego da violência. Diante deste fato, a proibição repressiva feita pela escola, em relação ao smartphone, torna-se secundária frente à violação do tabu da agressão física cometida pela aluna contra a professora.

### **Referências**

ADORNO, Theodor W. **Erziehung zur Mündigkeit**, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1971.

ADORNO, Theodor W. “**Tabus a respeito do professor**”. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. In: ZUIN, A., PUCCI, B. & RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. 4ª. edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e educação: a frieza como mal estar moral da cultura burguesa na educação**. Campinas: Autores Associados, 2014.

GRUSCHKA, Andreas. Adeus **Pädagogik?: Kritische Diagnosen aus Deutschland und Brasilien**. In: GRUSCHKA, Andreas & LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon (Hrsg.). **Zur Lage der Bildung – Kritische Diagnosen aus Deutschland und Brasilien**. Leverkusen: Verlag Barbara Budrich, 2015

GRUSCHKA, Andreas. **Da obrigação à racionalidade à obrigação dos interesses próprios: observações alemãs sobre um fenômeno global**. *Devir Educação*. Lavras, vol. 3 (1), p.7-16, 2019.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

**Recebido em 14/01/2020**

**Aprovado em 14/02/2020**